in Gatimor Informações nº 11 – 30/6/83

CIDAC
Centro de Documentação

TL 2650

CONVERSAÇÕES PRELIMINARES ENTRE A INDONÉSIA E A RESISTÊNCIA (1)

Secretário do Xanana - (Conselho Revolucionário da Resistência Nacional) No dia 20 de Março de 1983, tivemos um encontro com as autoridades indonésias, aqui, em Timor-Timur, em que foi focado um assunto importante, para se encontrar uma forma de solução correcta para a guerra no Timor-Leste.

Neste encontro, o camarada Comandante-em-Chefe das Forças da Falantil, Kai Rala Xanana Gusmão, apresentou as duas questões importantes para as autoridades indonésias estudarem. As questões são, portanto, estas:

Xanana:- A abertura do bloqueio para facilitar as vias para o exterior, a fim de dispensar (notícias e informações) à delegação no exterior sobre as actividades aqui dentro, a fim de coordenar correctamente os trabalhos para a solução da guerra em Timor-Leste e a entrada de observadores independentes para assistir e supervisionar o encontro que é importante para a solução da guerra em Timor-Leste e o ambiente foi amigável, franco e houve uma abertura das duas partes, tanto da parte da Fretilin como da parte das autoridades indonésias... (segue-se tradução em tetum, língua franca de Timor-Leste.

Assim como os bapas (indonésios) querem conversar, assim nós também pensamos assim. Hoje, vamos falar de alguns assuntos, porque este problema não é para ser solucionado hoje mesmo, mas através do diálogo e discussões é que (entre?) o povo da Indonésia e o povo Maubere (2).

Avaliando o vosso trabalho, podemos marcar datas, pois nós, assim pensamos e vocês também. O senhor major também já manifestou que quer procurar um caminho bom. Continuando a fazermos guerra, não é bom.

Se os bapas tiverem alguma coisa, podem dizer, podem falar. Se quiserem falar em inglês, também tenho aqui um secretário para isso. Eu pedi que falássemos em inglês ou português, porque o tétum não tem muitos termos para exprimir exactamente as nossas ideias. Portanto, se quiserem falar em bahasa (3), também tenho aqui um secretário (4).

1º Major indonésio:- Nós estamos aqui como irmãos, não pode ser como inimigos.

Xanana:- Nós também sempre pensamos que (estamos) perto uns dos outros, povo Maubere e povo indonésio, como irmãos; queremos boas relações e paz, pois já passámos sete anos de guerra e, agora, nós, os responsáveis, nós, os chefes, que conduzimos esta guerra, nós é que temos de procurar estarmos juntos para procurar uma solução para esta guerra.

1º Major indonésio:- Eu e os meus militares sempre procurámos como podemos sentar-nos juntos. Eu não falo da política, porque eu não sei dela.

Xanana:- Nós não estamos a discutir da política (5). Nós, agora, vamos ver como poderemos acabar este sinuoso caminhar. Assim, nós e os bapas, podemos estar mos juntos para estudar a possibilidade de acabar com esta guerra. Por isso, é que hoje não vamos discutir muita coisa; apenas vamos conhecer um ao outro e con quistar a confiança um do outro. Nós vamos confiar nos bapas e vocês também (vão) a confiar em nós. Para outra ocasião, nós voltaremos a encontra-nos para nós dis cutirmos com o vosso governo, para podermos estar novamente juntos, para estudar mos como acabar isso (a guerra). Isto de estarmos a matar uns aos outros, também nós sentimos que os bapas estejam a morrer não é bom, pois os vossos familiares, e tudo isso, enfim, estando a estragar uns aos outros, não é bom. Pois, só atra vés do diálogo, porque através disto é que podemos ver o que é bom para vós e o que é bom para nós.

1º Major indonésio:- Além disso, estamos nas vésperas da Páscoa...

Xanana:- Nós também (o) sentimos. Sete anos passados, não é que nós perdemos (6). Nós também sentimos como os bapas podem pensar que, sentando juntos, é que podemos acabar esta guerra. Guerreando um ao outro, é a arma que se aquece, mas a guerra não acaba. Não acha? Não é um que fica lixado, mas todos nós ficamos lixa dos. Há guerra em muitas partes do globo, como vocês também sabem, mas aquilo que as armas não conseguem acabar, podem muitas vezes as conversações acabar, pois as palavras podem juntar as pessoas para procurar qual o melhor caminho.

2º Major indonésio:- O comandante Xanana já disse muito e agradecemos que o senhor traduza para o bahasa Indonésia (língua da Indonésia), pois ele (Xanana) também tem boas intenções sobre isto (Timor). Eu não falo da política. O que nos interessa é que eu conheça o senhor Xanana e ele me conheça a mim.

Intérprete:- Pedem que o senhor (Xanana) mande alguma mensagem para os nos sos superiores. Não só nos conhecemos, mas mandamos algumas mensagens para os nos sos (7). Não estamos, aqui, a discutir ou a acusar uns aos outros. Assim como vo cês nos trouxeram mensagens, assim também nós mandamos mensagens aos bapas. Noutra ocasião nós voltaremos a encontrar-nos.

Hoje, apenas nos encontramos para conhecermos um ao outro e para verificar que, afinal, as armas é que nos separam, mas, se deixarmos as armas de lado, só então podemos ir ao diálogo. Portanto, hoje é o dia em que iremos começar a conver sar para acabar com esta guerra...

Major indonésio:- O senhor Xanana está na disposição de receber o Comandante militar?

Xanana:- Pode, se ele estiver disposto a vir.

Xanana:- Transmita aos bapas que há sete anos que nos encontramos em guerra, guerra que trouxe muito sofrimento ao povo maubere: guerra que só a busca de um caminho melhor, de uma via mais justa, mais correcta, pode pôr fim

Tanto nós como o governo indonésio estamos cientes de que esta guerra não terminará tão facilmente. Qualquer radicalismo das duas partes vai aumentar as tensões e os conflitos aqui na área. Nós apreciamos esta atitutde esta iniciativa e vamos procurar corresponder dentro das nossas possibilidades. Manifestamos o nosso apreço, a nossa satisfação por esta iniciativa demonstrada pelos bapas (8). Os conflitos mundiais, as tensões que em todo o mundo conhecemos estão merecendo muita atenção da Comunidade internacional, para se procurar um carinho mais viável, para diminuir, pelo menos, para superar estes conflitos. Nós também somos pela política da paz: nós só empregamos a força, empregamos as armas, para responder a uma situação de guerra. De modo que o esforço da Comunidade internacional para pôr fim aos conflitos merece também, da nossa parte, um esforço, merece também da nossa parte (uma atitude favorável ao diálogo), para quebrar este impasse que se vem prolongando há sete anos...

Nós somos pela paz, não somos para a guerra. Hoje, não vamos falar, não vamos realmente dizer como a guerra começou (9); todos nós sabemos (isso); porém, sete anos após esta guerra, nós vemos que só o diálogo aberto, franco, só as conversações poderão pôr fim àquilo que a Indonésia não quer e o que nós também não queremos. POrque este encontro, vamos dizer preliminar para futuros debates.

Nós só queremos transmitir uns pontos, para que os bapas aqui presentes, senhor Major, senhores dois Majores e o senhor Capitão possam transmitir ao senhor Comandante Militar os nossos objectivos para futuros encontros. Como demostração também da nossa..., do nosso desejo, como demostração também do que nós também comungamos - vamos dizer sim, (10) comungamos do mesmo objectivo, objectivo de pôr fim aos sofrimentos do povo maubere.

De forma que (...) dirá isso, depois nós transmitimos ponto por ponto, aquilo que nós queremos, aquilo que nós queremos dizer aos bapas.

Intérprete (em bahasa):- São as minhas palavras. Neste primeiro encontro, o senhor Comándante Militar não se encontra presente. Por isso, ele (Xanana) transmite, através do senhor Capitão, senhor Dayon, senhor Major William. Senhor Capitão, agora, são as palavras do meu Chefe: (...)

Xanana:- Nós esperámos que, após a resolução da ONU, em 1981, o Governo de Jakarta quebrasse também o radicalismo de fazer continuar as operações militares e procedesse a conversações, no espírito da resolução da ONU em 81. Nós não podíamos de nenhuma maneira de (ter?) possibilidades de contactar, de (ter?) possibilidades de encaminhar nossos esforços para contactos mais produtivos com as autoridades indonésias, aqui em Timor-Leste. Pois, o clima de tensão, o clima de medo colocou os nossos agentes de unidades de organizações clandestinas na impossibilidade de contactar com as autoridades indonésias aqui estacionadas. No fim do ano passado, soubemos do interesse menifestado pelo Major Estafanus. Nós acompanhamos e é por isso, é que, hoje, nós estamos aqui reunidos, para abrir caminho para isso. Nós também sabemos que não é hoje, não é este encontro que vai pôr fim à guerra

realmente. Mas nós temos a certeza e temos também a nossa confiança de que este encontro preliminar será o início de posteriores encontros, mais producentes, mais frutíferas, para o bem de todos e para o interesse das duas partes.

Intérprete:- (...).

Xanana:- A guerra em Timor-Leste é um assunto - vamos dizer - internacionalizado. Em todos os debates da ONU, foca-se o nosso caso, discute-se o nosso caso. Também sabemos que o encontro connosco, entre nós e as autoridades indonésias aqui estacionadas, também não terá uma validade jurídica internacional para pôr termo à guerra (11). Esta iniciativa do governo de Jakarta demonstra espírito de responsabilidade também do governo de Jakarta, a que nós vamos procurar corresponder. Nesse sentido é que nós pedimos que transmita ao senhor Comandante militar que, para futuros encontros, porque este assunto é um assunto político de carácter internacional também, o governo de Jakarta possa transmitir ao Mundo, anunciar ao Mundo, tanto a sua disposição ao diálogo, como a nossa disposição ao diálogo, demonstrada hoje, neste encontro.

Que outros encontros, para discussões de condições para pôr termo à guerra, condições que servirão os interesses dos dois lados, em benefício mútuo, de igualdade de direitos, possa(m) ser acompanhado(s) por observadores estrangeiros, por todas as partes interessadas neste conflito.

Nós declaramos a nossa disposição ao diálogo. Nós declaramos a nossa disposição à via pacífica, à política da paz, porque só realmente esta via, esta política, poderá pôr termo a este conflito armado entre nós. Assim - repetimos -, pedimos aos bapas aqui presentes para transmitirem ao senhor Comandante Militar que esta disposição seja uma disposição franca ou disposição aberta e, se possível, mediremos (?0 uma disposição total e seja prosseguida também com aquilo que dedimos como: fazermos saber à Comunidade internacional, Organização das Nações Unidas, a disposição de ambas as partes para o diálogo e a facilidade de entrada de observadores estrangeiros, pois será também um gesto de franqueza, um gesto de responsabilidade - e acreditamos que só isso poderá resolver bem as condições.

Nós estamos dispostos a levantar questões, estamos dispostos a ouvir questões. Nós sabemos, todos nós sabemos que, quando duas partes andam em conflito, cada parte defende os seus interesses, os seus pontos de vista. Vamos procurar -- da nossa parte estamos garantidos e estamos dispostos a quebrar - a respeitar os interesses da indonésia. Nisso podem estar confiantes também de que, dentro do espírito de responsabilidade, que move o governo da Indonésia, esse mesmo espírito nos move também, para pormos termo a esta guerra entre nós. E porque, se há descoordenação entre nós, no plano interno e com os elementos da Fretilin no plano externo, nós solicitamos também que possa haver quebra do bloqueio imposto a nós, a fim de podermos enviar as nossas mensagens, a fim de pôr ao corrente da delegação externa, no sentido de coordenarmos correctamente as actividades, para podermos encontrar, tanto dos bapas, como da nossa parte, encontrar uma solução justa e correcta que nós todos procuramos.

Intérprete:- (...)

Bapa (um dos Majores):- Nós apresentamos os nossos agradecimentos ao senhor Xanana que nos proporcionou as condições que tivemos a possibilidade deaanotar para que possamos levar. Na verdade, como hoje disse o senhor Gato, nós viemos aqui, representar, em primeiro lugar, o Governo de Timor e o Comandante militar, para abrirmos caminho com este nosso encontro.

Xanana:- ... agradecimentos.

Major:- Nós chegamos e estamos aqui muito satisfeitos. Fomos recebidos em ambiente de paz e de calma e nós informaremos de que realmente o ambiente é bastante alegre. Nós esperamos que o próximo encontro seja mais alegre e mais contente do que este encontro de agora. Quero dizer somente um pedido do comandante militar. Ele pediu para, mais oumenos daqui a dois ou três dias, nós voltarmos a encontrar-nos, a fim de darmos resposta às suas propostas, para falarmos mais pormenorizadamente.

Intérprete:- (...)

Major:- Faça o favor de perguntar. Mais ou menos, hoje, o Comandante militar pediu para, daqui a três dias, poder encontrar-se ou realizar outro encontro. Sua Excelência concorda em encontrar-se com o senhor Xanana, somente se o senhor Xanana está na disposição de se encontrar com o senhor Comandante militar.

Intérprete:- (...)

Xanana:- Estamos dispostos em qualquer hora e podemos afiançar que se os "bapas" (militares indonésios) vierem, encontra-nos nesta disposição, é precisamente neste clima que nós iremos garantir para os futuros encontros entre nós. Também desejamos as boas-vindas ao senhor Comandante militar e esperamos que tudo o que depois se discutirá, aqui, com franqueza, com abertura, com boa disposição, traga bons frutos, traga bons resultados para nós todos.

Intérprete:- (...).

Major:- Resta-nos apenas marcar qual será o local. Se será aqui ou se será noutro loval. Contudo, o senhor Comandante militar espera que, se o senhor Xanana assim quiser, nós podemos arranjar um lugar mais calmo ou melhor, com as melhores condições. Sua Excelência deseja e espera muito que possa ser no aeroporto de Baucau. Não haverá a presença de militares. Todos ficarão colocados a grande distância do local de encontro. Talvez o helicóptero poderá vir aqui para o levar e nós os dois(Majores) ficaremos aqui como reféns, enquanto o senhor Xanana estiver em reunião com o nosso Comandante militar. Nós ficaremos aqui, se o senhor concordar.

Intérprete:- (...)

Xanana:- Nós estamos certos de que a boa disposição demonstrada pelas duas partes, não pode ter, não pode significar uma troca de vides, a minha com a dos dois bapas. Assim, não é por nada, mas apenas por questões psicológicas é que eu preferiria (que seja) aqui no mato.

Perto das vilas, não me importo... No mato, estaríamos mais à vontade a discutir das coisas, pois também não é com a morte dos dois mbapas majores é que nós resolveremos agora..., nem será..., outros problemas.

Nós estamos dispostos. Podem ter a garantia de que nós estamos dispostos ao diálogo. As condições que se puserem nós vamos discutir (-las) com clareza, com entendimento. De forma que, sobre estas questões, o bapa William vai transmitir que não é por nada, mas por questões de ordem psicológica pessoal é que eu preferiria que fosse aqui, no mato.

Major (em tétum):- Pois, posso falar um pouco? Nós sabemos que morrendo eu ou o senhor Xanana, a guerra continuará. Morrendo nós aqui, também a guerra não acabará, pelo que nós pedimos ao senhor Xanana que possa confiar em nós. Se nós atacarmos o Xanana e se o senhor morrer, também a guerra continurá. Isto não é um bom caminho.

Xanana:- Se eu morrer aqui, a guerra continuará. Trocar-me por dois bapas de que, se eu morrer ali, vocês os dois morrem aqui, isso acho que não é bom. Isto significa que ainda continuamos a desconfiar uns aos outros as nossas conversas não estão seguras.

Major:- Pedimos ao senhor Xanana que não desconfie de nós e não pense que possamos armar-lhe alguma traição, pois, se nós prendemos ou matamos o senhor Xanana, a guerra continuará.

Outro Major:- Agora, perguntamos se poderá ser - suponhamos - perto de Ossú ou noutra vila qualquer, porque, aqui, no mato, além de ser longe, muitas vezes, as condições climatéricas não permitem aos helicópteros chegarem aqui. Ora, perto das estradas, se as condições climatéricas não permitirem, pode o senhor comandante militar utilizar um carro.

Xanana:- Concordo que seja em Lariguto, daqui a cinco dias.

Major:- Qual será a sua opinião, se nós viermos buscá-lo de helicóptero? E se poderia ser no dia 23 ou 24.

Xanana:- Nós vamos arranjar condições para lá chegarmos, pois, daqui para lá, levamos um dia ou um dia e meio, se a gente andar devagar e dar condições para preparar as barracas.

Marcamos para o dia 25, mas, se os Indonésios querem mais cedo..., combinamos para dia 22.

Major:- Logo ou amanhã, o senhor Comandante militar irá a Bali; amanhã, voltará. Portanto, talvéz, seja melhor no dia 23.

Intérprete:- O próximo encontro será no dia 23 de Março de 1983 com a participação do senhor Coronel Purowanto, Comandante militar invasor estacionado aqui, em Timor-Leste.

Notas:

(1) Segundo informações de fonte absolutamente fidedigna, estas conversações foram realizadas por iniciativa e a pedido das autoridades militares indonésias de Dili. Da parte indonésia, estiveram presentes 2 Majores e 1 Capitão. O Governador, Engº Mário Carrascalão, também esteve pessoalmente presente, mas, como se pode verificar pela leitura deste extracto da gravação feita na altura do encontro, não interveio directamente nas conversações. A totalidade da delegação indonésia foi transportada para o local por meio de helicópteros e a segurança esteve a cargo das forças da Resistência.

(2) É importante realçar esta posição do Xanana. Trata-se de uma atitude que implica uma posição política profundamente meditada. A luta que se trava em Timor deve ser uma questão que deve ser posta para discussão e consideração entre os povos de Timor e da Indonésia, e não apenas entre o Exército indonésio e a Resistência. Na verdade, a resistência timorense decorre de uma aculturação que é em muitos aspectos essenciais diferente da cultura do povo indonésio. Daí, a única conclusão que se pode extrair é a de que a identidade do povo timorense deve ser respeitada, quer sob o ponto de vista cultural e religioso, quer sob o económico e político. E esta decisão cabe, sobretudo, ao povo da República da Indonésia e não apenas ao Exército indonésio. Colocada desta forma, a questão ganha uma dimensão nova e colocá-la como e foi, representa uma capacidade política de análise do seu autor de profundo alcance.

(3) O facto de o Xanana dispor de intérpretes de várias línguas mostra que a Resistência dispõe de uma estrutura minimamente operativa, apesar de todas as dificuldades com que luta. Acerca do seu intérprete de bahasa, sabe-se que se trata de um desertor indonésio que, para mais, sabe falar correctamente o tétum.

(4) Além de intérpretes, um de inglês e outro de bahasa, o Xanana dispõe também de vários secretários. Isto vem confirmar o que se disse atrás.

(5) A resposta dada por Xanana é directa. O militar indonésio refugia-se na afirmação de que nada sabe da política, para não enfrentar uma questão fundamental levantada por Xanana: a resolução do problema de Timor é um assunto que deve ser discutido entre dois povos: o povo de Timor e o povo da Indonésia, ambos portadores de identidades culturais, religiosas, históricas e sociais próprias que os diferenciam. Por isso, o Xanana sente-se no dever de lembrar ao militar indonésio que posta assim a questão, ela deixa de ser um assunto político, mas antes uma questão mais geral e mais profunda também.

(6) Esta afirmação do Xanana só admite uma interpretação possível. Ao aceder ao pedido de entabular conversações com as forças militares de ocupação indonésias, a Resitência não se coloca na posição de vencida. Antes pelo contrário,

fá-lo na convicção de estar a defender uma causa justa, para cuja solução aceita a via das negociações e das conversações, desde que elas sejam francas e entabuladas de boa fé.

(7) Esta troca de mensagens faz-se, principalmente, entre o Comandante militar indonésio e o próprio Xanana. Não é improvável admitir que também houvesse a intenção de possibilitar a troca de mensagens entre Resistentes e as populações que vivem nas zonas controladas. No entanto, o Xanana evitou - e bem - este segundo pedido, se é que houve.

(8) Concretizando mais o seu pensamento, Xanana vai ao ponto de afirmar claramente que a guerra "não terminará tão facilmente". Para além de esta atitude revelar a força e a determinação da Resistência, ela vem confirmar, num plano mais concreto, aquilo que se disse já atrás. Porque o povo timorense sente que luta por uma causa justa, nunca lhe faltará ânimo nem determinação para prosseguir indefinidamente a sua resistência.
A actual Lei da Defesa Nacional portuguesa veio também consagrar o princípio da "defesa activa e passiva" que é um dever de todos os cidadãos portugueses. Não se trata de uma afirmação de circunstância. Trata-se antes de um princípio que emana da própria alma da nacionalidade. Haverá aí quem tenha ainda dúvidas de que em Timor se passa exactamente a mesmíssima coisa? Mais: haverá aí quem tenha dúvidas de que o que se passa em Timor é também, histórica e culturalmente, um facto da responsabilidade da missão histórica de Portugal, quando se lançou na aventura grandiosa de dar novos mundos ao Mundo? Quem não admitir esta realidade, após sete anos de luta travada por um pequeno povo de aculturação portuguesa contra uma potência - a quarta, no plano mundial, em termos de população - então perdeu positivamente o sentido da realidade histórica.

(9) Xanana evita, aqui, tocar em feridas antigas. É uma atitude louvável e que fica muito bem num dirigente da sua categoria e da sua classe.

(10) Parece um pouco obscura esta passagem. No entanto, Xanana parece afirmar que, se o objectivo prosseguido pelas autoridades militares indonésias é o de pôr termo à guerra pela via de uma solução justa, então também a Resistência comunga no mesmo.

(11) Mais uma vez Xanana deve ter surpreendido os representantes militares indonésios, ao reconhecer e ao afirmar sem rebuços que as conversações iniciadas não tinham qualquer legalidade e eram, sob o ponto de vista jurídico, sem qualquer efeito. Na verdade, admitindo, como de facto o faz, que a questão de Timor é um problema mais geral que deve ser dirimido entre os dois povos que nele estão directamente interessados, o povo de Timor e o povo da Indonésia, a conclusão só poderia ser a de atribuir às conversações um valor e um alcance muito restritos. Mais uma vez - e isso deve ser sempre e [illegible] para [illegible] uma [illegible] dar [illegible] uma visão [illegible] e uma [illegible]

incansavelmente realçado -, Xanana mostra possuir uma visão política e uma sabedoria calcadas na luta e no sofrimento partilhados com o seu povo que nada têm a ver com o triunfalismo e as ambiguidades dos chamados dirigentes da FRETILIN do exterior, vendidos a interesses estranhos à realidade timorense.

À GUISA DE CONCLUSÃO

Não pode ser negado o facto de que houve realmente conversações entre as autoridades militares indonésias de Timor e Kai Rala Xanana Gusmão, as quais tiveram lugar por iniciativa do Comandante Militar das forças de ocupação.

Kai Rala Xanana Gusmão assumiu-se como representante da Resistência e não apenas como um dirigente partidário. Ao afirmar que o povo de Timor é uma entidade histórica real tal como o da Indonésia, reconhece isso facto que a Resistência é apenas uma emanação do Nacionalismo timorense, ao qual devem subordinar-se todas as tendências ideológicas ou partidárias.

Por isso, Xanana não fez quaisquer reivindicações de carácter partidário nem muito menos de ordem pessoal. Fez afirmações de incalculável alcance político e histórico que, por isso, merecem ser meditadas profundamente por todos os timorenses que amam verdadeiramente a sua terra e o seu povo.

Na verdade, a mensagem de Xanana enquadra-se pela sua raiz nacionalista nos sentimentos da Resistência Timorense que, tal como é actualmente, é uma força que ultrapassa todas as fronteiras partidárias, que rasgou todas as limitações de ordem ideológica, que submergiu todas as lutas fratricidas provocadas pelos vendilhões de feira, para se orientar apenas para a defesa dos supremos interesses do povo de Timor sintetizados nos seguintes objectivos: autodeterminação e independência.

Embora não tenha sido referida directamente, esta mensagem dirige-se especialmente ao governo português e a Portugal.

Efectivamente, a identidade timorense é o resultado de muitos séculos de história comum e, se o povo timorense se pode afirmar como um povo diferente com uma história e uma cultura próprias, a Portugal o deve exclusivamente. Por isso, a imagem infeliz de que "Timor é um transatlântico parado" pode apenas ser recordado como apelo para corrigir erros passados e para um maior empenho na procura de soluções dignas da memória dos cerca ou mais de duas centenas de milhar de timorenses já imolados no altar do seu nacionalismo.

Por isso, a publicação deste extracto da gravação das conversações preliminares havidas entre representantes indonésias e Kai Rala Xanana Gusmão pretende contribuir, sobretudo, para repor a verdade total dos factos.

Ref.
T2650

O anexo que se segue é a transcrição de uma das reuniões, entre a Fretilin e os comandantes indonésios nas conversações de 23 de Março.

São um exemplo significativo da forma responsável, como a Fretilin correspondeu à solicitação da Indonésia para conversações de paz.

Foi um período de paz imposto pela resistência organizada dum povo, que os generais indonésios quebraram em Agosto de 1983.